



RESENDE, UMA MÃO CHEIA DE COR





SÃO ROQUE ANTIGUIDADES & GALERIA DE ARTE 22 DE SETEMBRO A 31 DE DEZEMBRO 2011



RESENDE, UMA MÃO CHEIA DE COR



São Roque
ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE



Imagem ao lado:
Atelier do Mestre Júlio Resende.
Execução do projecto
do painel "Ribeira Negra".

Será redundante falar de pintor preferido? Certo é que cedo me apercebi do fascínio que tenho pela obra pictórica de Júlio Resende, a sua poética, o seu arco-íris.

Dos muitos que coabitam ao longo das paredes da minha casa, este artista tem um lugar muito especial: acompanha-me à hora das refeições.

Bem perto do meu lugar na mesa, aquela cor, aquela força, fala-me de vida.

Fala-me das viagens que fiz pelo mundo inteiro, de outros povos, de outras realidades que tão bem conheço, mas com cor, com muita cor.

E fala-me da dureza da vida destas gentes e da necessidade da cor para lhes preencher a alma.

Resende assim o entendeu, e o carácter humanista da sua obra bem o denota. Quis que nós também o entendêssemos. Disse em tempos "(...) a arte é um sinal de vida (...) e um caminho para um mundo mais fraterno".

03

Convido-vos a embarcar nesta viagem por várias épocas e diferentes séries da sua obra em *Resende, uma mão cheia de cor*: um pintor de mão cheia, uma pintura cheia de cor, conhecer um pouco do seu percurso, uma homenagem que eu e o meu filho lhe queremos prestar.

Conhecer a obra de Resende tem sido um privilégio.

Resende nasceu pintor. Resende é um pintor do mundo.

Obrigada Júlio Resende.



AGRADECIMENTOS §

A Bernardo Pinto de Almeida, Sílvia Chicó, Zulmiro de Carvalho, Fernando Seabra, Aníbal Pinto Faria, Vitor Guedes e Lugar do Desenho/ Fundação Júlio Resende pela sua inestimável colaboração.

JÚLIO RESENDE

Nasce no Porto a 23 de Outubro de 1917.

A partir de 1930 frequenta a Academia Silva Porto e inicia-se na ilustração e banda desenhada em jornais e publicações infantis.

Em 1937 ingressa na Escola de Belas-Artes, discípulo do Mestre Dórdio Gomes.

Participa na criação do *Grupo dos Independentes* em 1943, ano da sua primeira Exposição Individual no Salão Silva Porto.

Após a conclusão do curso na ESBA em 1939, visita Madrid e Paris. Fica profundamente marcado por Velasquez e Goya, pintores que irão ter uma grande influência na sua obra de cariz expressionista, mas também por Picasso, cujo cubismo é bem evidente nas obras que retratam o quotidiano popular, de forma geométrica e por vezes quase que abstracta.

Em 1946 realiza a sua primeira exposição em Lisboa e obtém uma bolsa de estudo ao estrangeiro do Instituto da Alta Cultura. Segue para Paris onde, durante dois anos, estuda as técnicas de fresco e gravura na Escola de Belas-Artes e na Academia Grande Chaumière, discípulo de Duco de La Haix e Othon Friesz.

Regressa a Portugal em 1949 e é colocado como professor na Escola de Cerâmica de Viana do Alentejo (1949-1951). O Alentejo foi um importante alicerce na sua obra futura que reflecte as suas preocupações humanistas

Em 1950 desloca-se a Lisboa e conhece Júlio, Charrua, Almada Negreiros e Eduardo Viana. Nesse mesmo ano faz a sua primeira viagem à Noruega, expondo em Kristiansund e conhece Oddvard Straume.

Nos anos seguintes fixa-se na cidade do Porto, como docente no ensino secundário. Recebe o Prémio Especial na Bienal de S. Paulo e na 7ª Exposição Contemporânea dos Artistas do Norte.

Em 1953 cria as *Missões Internacionais de Arte* e em 1957 organiza a Exposição *Quatro Artistas Portugueses* em Oslo e Helsínquia. Foi ainda o 2º prémio de Pintura da Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.

A partir de 1958 é assistente de Mestre Dórdio na Escola Superior das Belas Artes do Porto.

PRESENÇA EM COLECÇÕES PÚBLICAS E PRIVADAS (selecção)

Biblioteca Real Alberto I, Bruxelas
Caixa Geral de Depósitos, Lisboa
Câmara Municipal do Porto
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Gabinete de estampas de Antuérpia, Bélgica
Ministério das Finanças, Lisboa
Museu Aslesund Kunstforening, Noruega
Museu Amadeo de Souza Cardoso, Amarante
Museu da Faculdade de Belas Artes do Porto
Museu de Arte Moderna de São Paulo, Brasil
Museu de Évora
Museu de Helsínquia, Finlândia
Museu de Liège, Bélgica
Museu do Chiado, Lisboa
Museu Marítimo de Macau, China
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto
Sede da Unesco, Paris

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (selecção)

1943 *Júlio Resende*, Salão Silva Porto, Porto
1949 Galeria Portugal, Porto; Palácio da Foz, SNI, Lisboa
1950 Kristiansund, Noruega
1951 Kurstnerforbundet, Oslo
1959 Galeria La Proue, Bruxelas; Galeria Diário de Notícias, Lisboa
1960 Galeria Abril, Madrid; *Retrospectiva*, SNI, Lisboa e ESBA, Porto
1963 Comité voor astistieke Werking, Antuérpia
1971 Salvador, Bahia; Salão Municipal da Cultura, Aveiro
1979 *Retrospectiva*, Museu Nacional Soares dos Reis, Centro de Arte Contemporânea, Porto
1989 *Grande Retrospectiva*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
1990 Galeria Bonino, Rio de Janeiro; Museu Nacional do Rio de Janeiro;
Banco-Hispano Americano, Madrid
1992 Galeria Magellan, Paris; *Antológica*, Centre D'Art Contemporani, Barcelona
1994 Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa; Museu Nacional de Évora
1995 Fundação da Casa de Mateus, Vila Real
1997 Centro Cultural Português, Praia, Cabo Verde; Leal Senado de Macau, China
1999 Galerie Europe, Hôtel de Saint-Gilles, Bruxelas
2000 Centro Cultural e de Congressos, Aveiro
2001 Palácio da Bolsa, Porto; Galeria Nave, Câmara Municipal de Matosinhos;
Casa Municipal da Cultura, Cantanhede
2006 Salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa; Cordeiros Galeria, Porto
2007 Galeria Jornal de Notícias, Porto; Galeria Diário de Notícias, Lisboa
Casa Municipal da Cultura, Cantanhede
2008 Galeria Antigos Paços do Concelho, Viana do Castelo; Museu Municipal de Viana do Castelo

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS (selecção)

1943/45 Exposições do *Grupo dos Independentes*, Porto
1950 Exposição *Artistas Metropolitanos*, Luanda
1951 Mostuário da Arte Metropolitana, Goa; Salão de Oslo; XXV Bienal de Veneza;
Bienal de Artes de São Paulo

Na década de sessenta executa trabalhos plásticos e cenários para importantes peças de teatro portuguesas.

Em 1971 efectua a sua primeira viagem ao Brasil, país onde voltará posteriormente, em estadias que deixarão marcas visíveis na sua obra, nomeadamente na estrutura dominante e na composição, que privilegiam o expressionismo lírico. Conhece Jorge Amado e Mário Cravo Filho.

No ano seguinte é nomeado Membro da Academia Real das Ciências, Letras e Belas-Artes em Bruxelas.

Na década de oitenta recebe a ordem de Mérito Civil do Rei de Espanha (1981). Realiza o grande painel mural *Ribeira Negra*, que oferece à cidade do Porto (1984), cidade que o inspira e à qual sempre volta.

Viaja para Cabo Verde, S. Vicente e St.º Antão, em 1992.

Mil novecentos e noventa e três é o ano em que vê consagrada uma velha aspiração, com a criação do *Lugar do Desenho – Fundação Júlio Resende*.

Em 1996 conhece a Índia – Goa, que é importante fonte de inspiração em trabalhos que desenvolve nos anos seguintes. Regressa a Cabo Verde – Santiago e Fogo – e em 1999 desloca-se à Ilha de Moçambique.

Em 2001 é homenageado publicamente numa iniciativa do Jornal de Notícias em 12 de Maio. Neste mesmo ano ocorre a grande exposição retrospectiva do pintor em Matosinhos.

Em 2006 realiza-se a Exposição Individual no Salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes em Lisboa e em 2007, por ocasião dos festejos dos 90 anos do pintor, uma grande Exposição – Homenagem organizada pela Galeria Cordeiros na Alfândega do Porto e a Exposição Individual no Salão da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa.

- 1952 II Mostra Internazionale Di Bianco e Nero, Lugano;
Vinte Pintores Contemporâneos, Galeria de Março, Lisboa
- 1953 Bienal de Arte de São Paulo
- 1955 Exposição de Arte Moderna, org. Academia Alvarez, Póvoa de Varzim, Penafiel, Amarante
- 1956 Exposição *Vida e da Arte Portuguesa*, Lourenço Marques
IV Bienal de Litografia Contemporânea, Cincinatti Art Museum, Ohio
Exposição *Artistas de Hoje*, Lisboa
- 1957 Exposição *Gravura Portuguesa Contemporânea*; Exposição de Artes Plásticas, FCG, Lisboa
- 1958 Exposição Internacional de Bruxelas; *Once Pintores Portugueses*, Madrid
Portugisisk Grafik, Goteborgs Kunstmuseum, Holanda
- 1959 *L'Incisione Contemporânea in Portogallo*, Roma; Bienal de Arte de São Paulo, Brasil
- 1960 III Salão de Arte Moderna da SNBA; XXX Bienal de Veneza
- 1963 IV Bienal de Tóquio
- 1973 *Pintura Portuguesa de Hoy*, Palácio de la Virreina, Barcelona
- 1986 Exposição *Le XX au Portugal*, Bruxelas; *Arte Portuguesa*, Moscovo
- 1992 *I Mostra de Pintura y Grabado Portugueses Contemporâneos*, Sevilha, Espanha
- 1994 *Colecção Manuel de Brito*, Museu do Chiado, Lisboa
Arte Portuguesa Contemporânea, Wiesloch, Bona, Hiedelberg
- 1997 Galeria Metropolitana de Arte, Recife, Brasil; Galeria do Fórum de Macau
- 1999 *Mestres da Pintura*, Galerias Cordeiro, Porto
Dimensión del Dibujo, Museu Nacional de Bellas Artes, Santiago de Chile
- 2000 *I Colectiva de Artes Plásticas*, Rotary Clube do Porto Oeste, Hotel Tivoli, Porto
- 2005 *Mestres da Pintura*, Cordeiros Galeria, Porto
- 2007 *Resende e a Pintura*, Exposição comemorativa dos 90 anos do pintor, Edifício da Alfândega, Porto

BIBLIOGRAFIA (selecção)

- 1945 POMAR, Júlio; *Aquarelas de Júlio Resende*; Porto, Livraria Portugália
- 1954 FRANÇA, José-Augusto; *A Arte Abstracta em Portugal*, Cat. do I Salão da Arte Abstracta, Lisboa, Galeria Março
- 1957 FRANÇA, José-Augusto; *Pintura de Júlio Resende*, Cat. de Exposição, Lisboa, Galeria Diário de Notícias
- 1959 SENA, Jorge de; *Júlio Resende, in Estrada Larga*, vol. II, Porto, Porto Editora
- 1960 CRESPO, Angel; *Resende*, Cat. de Exposição, Madrid, Sala Abril
- 1960 FRANÇA, José-Augusto; *Júlio Resende*, separata da revista Lusíada, Porto
- 1960 VASCONCELOS, Flório; *Retrospectiva da Obra do Pintor Júlio Resende*, Lisboa, SNI, 1960 (Porto, ESBAP, 1960)
- 1963 PERNES, Fernando; *Júlio Resende*, col. Arte Contemporânea, s/1, Artis, 1963
- 1967 MAGALHÃES, Calvet de; *Retrospectiva da Obra do Pintor Júlio Resende 1932-1967*, Estoril, Galeria do Casino
- 1979 PERNES, Fernando; *Homenagem a Júlio Resende*, Cat. de Exposição, Porto, MNSR/CAC
- 1984 VASCONCELOS, Flório; *A Arte em Portugal*, Lisboa, Verbo
- 1987 PERNES, Fernando; *A Luz da Ribeira*, Cat. de Exposição, Porto, Galeria Nasoni
- 1989 CHAVES, Joaquim Matos e MOTA, Arsénio; *Júlio Resende A Arte Como/Vida*, Porto, Civilização
- 1989 GONÇALVES, Rui Mário; *Júlio Resende – 1943-1989*, Cat. de Exposição, Lisboa, FCG, Abril
- 1991 CASTRO, Laura; *Resende*, Cat. de Exposição, Galeria Municipal, Almada
- 1997 CASTRO, Laura; *Júlio Resende – Retrospectiva*, Cat. de Exposição, Leal Senado de Macau
- 1999 CASTRO, Laura; *Júlio Resende – Tentações da Pintura Ocidental*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda
- 2001 ALMEIDA, Bernardo Pinto de; *Resende 1947-2000*, Cat. da Exposição Museu de Arte Moderna Aloisio de Magalhães, Brasil

FILMES

- 1968 *Resende*; realização de Manuel Guimarães, produção de Ricardo Malheiro, texto e voz de Virgílio Ferreira
- 1969 *O Pintor Júlio Resende*; realização de Vasco Branco
- 1982 *Júlio Resende. O amor da Pintura.*; realização e produção de José Blyseu, texto de Rocha de Sousa
- 1992 *Impressões*; realização de Manuel Casal Aguiar
- Resende*; realização de João Ribeiro, Câmara Municipal de Almada

RESENDE, UMA MÃO CHEIA DE COR



RESENDE ITINERÁRIOS DE UMA OBRA

09

“Júlio Resende sabe que a expressão não se atinge pela acumulação de pormenores – de desenho ou cor – mas pela sua eliminação”. Júlio Pomar

Uma inesperada exposição, reunindo obras de diversos períodos da obra de Júlio Resende, vem relembrar a importância da obra do artista através de uma recolha cuidada de obras significativas realizadas ao longo das décadas da sua intervenção. Reflectir sobre os itinerários dessa obra servirá para enquadrar esta mostra que representa, ao mesmo tempo, uma homenagem ao pintor no momento em que se perfazem quase seis décadas de actividade continuada.

Júlio Resende ocupou, no contexto da arte portuguesa do século XX, um lugar particular. Revelado em meados dos anos quarenta, foi compreendido, no início, como neo-realista, que não foi, pelas temáticas populares que reflectiu, tanto como pela plástica carregada de tons escuros. A obra de Resende desenvolveu-se ao longo de mais de cinquenta anos, percorrida interiormente por uma consciência de unidade.

É assim que já nas suas primeiras obras, algumas delas realizadas ainda antes da partida para Paris, onde foi reforçar mais a informação do que a formação – nomeadamente em algumas das delicadas vistas das margens do rio Douro que realizou – se sentem já os sinais claros da mesma sensibilidade que iremos reencontrar até ao fim na sua longa obra. O que se traduz quer numa fidelidade às relações de sentido entre desenho e pintura, quer nas opções cromáticas que inscrevem uma opção ética, nomeadamente nas relações sempre recíprocas, de que o pintor fez tema, entre figuras e paisagem, que regressarão através dos diversos períodos da sua obra, como adiante tentarei analisar.

Já depois de formado na escola do Porto, entre 1946 e 1948 estudou em Paris, graças a uma Bolsa do Instituto de Alta Cultura, onde foi discípulo, entre outros, de Othon Friesz, o pintor fauvista que então ali ensinava numa academia que o português foi frequentar, e cujo ensinamento, naturalmente marcado ainda pela sensibilidade aberta à cor e à expressão, mais do que à forma, veio a encontrar eco na veia expressionista do nosso pintor.

Como o próprio contou mais tarde: *Em Paris reconheço a dimensão do mundo (...) Mas a arte “não-figurativa”, que estava então no momento de plenitude, deparava-se-me como uma interrogação para a qual só eu poderia encontrar íntima resposta. Decididamente para mim, ela não seria um fim em si mesma. As suas virtudes não se me escaparam(...)*.¹ Mas mais importante e decisiva do que a sua passagem pelo atelier de Othon Friesz foi a visita continuada pelo Louvre onde, copiando obras clássicas ou estudando a grande tradição, solidificou uma formação em que se sente uma *dialética de construção-expressão*, que Rui Mário Gonçalves assinalou comentando a sua obra.² Do período de Paris ficaram umas quantas obras de pequeno formato, habitadas de uma graça e leveza que traduzem o entusiasmo juvenil com que o artista recebia a sua experiência entusiasmada da grande cidade. Essa *fase parisiense* porém, rapidamente se veria ultrapassada por um reencontro de autenticidade que o artista haveria de experimentar no seu regresso, quando medido com a luz crua do sul de Portugal, o que muito bem se vê nas paisagens habitadas por figuras esguias de vultos a emergir da planura agreste. À sua afirmação não podemos deixar de ligar também a influência profunda que exerceu no ensino da Escola do Porto, onde foi professor e influenciou, humana como pictoricamente, gerações de alunos. Amado ou contestado foi, durante décadas, o rosto da Escola do Porto, a principal figura e o mestre.

Regressado, foi no Alentejo que se deu o primeiro grande movimento de maturação da sua obra. O sentido da estruturação cezanneana que aprendera com Dórdio no Porto e que a passagem por Paris reforçara, aplicado à paisagem alentejana com outro sentido crítico, permitiram-lhe geometrizar o espaço e subordiná-lo às ortogonais.

Os quadros dessa época reenquadraram a paisagem alentejana numa observação atenta da sua realidade, a partir da relação essencial entre gente e paisagem, e a estrutura interna dos quadros, cada vez mais sustentada por um domínio excepcional do desenho, fez com que estes dois elementos se viessem a fundir em geometrias inesperadas, em que as verticais dos homens polarizam as horizontais da terra. Uma paleta obscura, em tons de terra, ajudava-o a fundir, quase magmaticamente, as personagens e a paisagem, como se aquelas fossem o relevo desta. Depois do período alentejano, o pintor regressou ao norte, fixando-se na Póvoa do Varzim, onde continuou como professor.

A presença do mar, numa terra de características populares, veio matizar a sua pintura de valores plásticos até então desconhecidos. Nas novas obras as figuras como que se fundem numa deliquescência fantasmática, espectral, que evoca certa pintura flamenga.

Curiosamente, este novo período figurativo, abandonando a evocação do relevo e fazendo predominar a figura relativamente à paisagem, admite o surgimento de uma nova força, inesperada, na sua pintura, que se manifesta como uma *força escultórica*. A presença das curvas permite, assim, que possa ocorrer nela uma familiaridade surpreendente com as figuras de um Henry Moore. As figuras compactam-se entre si, tal como as casas, presas por uma unidade que se





sente como se parente da escultura. Como se feitas de idêntica matéria, que depois as atmosferas envolvem numa exterioridade ténue, brumosa.

As atmosferas brumosas de então foi depois cedendo aos poucos uma nova atenção às superfícies e às rugas da pintura, materializadas em contrastes matéricos fortes, que quase o aparentam com certo informalismo catalão. A presença das figuras é o factor que impede que o pintor se tenha lançado numa aventura abstracta. A matéria, carregada e densa, quase objectual, deixa evidenciar o temperamento expressionista. As figuras agora contorcem-se em razão da luta contra a matéria que habitam, e que veio substituir a paisagem.

A sombra tutelar de Picasso, que o acompanhara antes, abandona-o aqui a uma aventura cada vez mais pessoal, mais dura e, porventura indicadora de consciência trágica. A matéria irrompe com tal brutalidade que ameaça o equilíbrio da composição e tergiversa para a orla de uma quase abstracção.

A esta fase inquieta e de contornos negros sucede um breve período, dir-se-ia *neoclássico*, em que a disciplina do desenho regressou. Não desaparecendo a inclinação expressionista, esta ganhava de novo sentidos sociais, relacionados com as percepções e experiências exteriores. A carga psicológica cedia assim espaço à carga sociológica. Curiosamente, esta fase intermédia em que se recuperou o valor estruturante do desenho, seria interrompida, ou revalorizada plasticamente, a partir de 1971, com a sua *descoberta* do Brasil.

A partir da data em que visita o Brasil, na primeira de uma série longa de viagens, Resende descobre um novo valor plástico que passam a traduzir uma nova experiência do mundo. A presença das oblíquas, da fluidez e da cor – cor aberta, pura, violenta, mas de uma doçura sempre próxima das coisas – permitir-lhe-à ganhar uma nova sensualidade e ritmo. Um sentido de cor que antes não conhecera. E se as temáticas continuaram ligadas ao gosto pelo popular, afastando-se de compromissos representativos, não é menos verdade que nelas se sente uma redescoberta do prazer da vida.

Ao expressionismo triste sucedia uma expressividade alegre. As aguarelas deste período, interrompido apenas pela densidade sintética de *Ribetra Negra* – momento de reflexão admirável que o pintor lança sobre a sua obra passada, mas munido já dos instrumentos entretanto adquiridos –, que se iria prolongar até finais da década de oitenta, testemunham amplamente o novo sentido ganho na sua obra. Fluidas, transparentes, coloridas, rápidas na execução como no sentido perceptivo que declamam, não podem deixar de evocar a fase marroquina de um Delacroix, abandonando-se à sensualidade prazenteira da contemplação das odaliscas norte-africanas. Tal como essas obras do grande pintor romântico francês, as de Resende respiram de uma vitalidade aprendida no gesto popular, no calor dos trópicos, na elegância marota e sinuosa dos meninos da rua.

Ganham também uma evidência de desenho que antes o pintor não se havia autorizado, dando progressivamente mais espaço à percepção das cenas quotidianas. Mas onde, antes, se sentia o peso e a densidade de uma condição trágica da vida, ascende agora um gosto primaveril pelas cores da manhã, pelos pequenos movimentos do real, pelo estímulo dos cheiros e do tacto, pelas caprichosas ondulações da dança. Tudo parece respirar uma sensualidade antes contida numa amargurada por um sentimento dramático da vida e do mundo, e que agora se sente

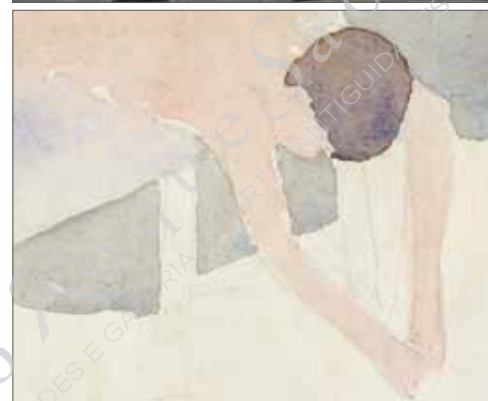
finalmente liberta pela presença activa desse mesmo mundo, enfim pressentido na pureza da sua imanência, anterior ao esforço humano.

Redescobrimo a natureza, Resende descobria uma outra dimensão da natureza humana. As figuras conversam entre si, disseminando todos os sinais de gravidade, para se concentrarem apenas na graça de uma economia simplificada e leve, de falas, de gestos e de movimentos soltos. Cabo Verde, escala seguinte neste mapa de afectos, será na sua obra o reencontro do Brasil, mas agora falado em português crioulo. Nas suas memórias de viagem, o pintor escreveu: *Se existe a nostalgia, nada tem de um sinal trágico. Mesuramento e dignidade de gestos exprimem suficientemente um sentido de alegria contida mas comunicativa (...)*.³ As cores são diversas das que empregou no Brasil, mais consoantes com as pardas tonalidades locais. O céu aparece por vezes incendiado de um rosa esmaecido. Tal como em outras pinturas da mesma série, a paisagem volta a ser predominante, mas como uma entidade quase abstracta, como a baleia em *Moby Dick* de Melville. Existe antes do homem, e sente-se a sua existência para lá dele. A *morna* cabo-verdiana, com o seu ritmo cadenciado, indolente, transpira em muitas destas obras.



12

O clima tropical, de céus algo pardacentos, domina a atmosfera destas pinturas e sobre fundos grises, imprevistos, rebentam orgias de cor, contrastes fulgurantes de verde e de roxo, ou de laranjas e azuis. Esta nova paleta, que refaz a liberdade aprendida no Brasil, continua a celebrar os corpos, mas emoldura-os numa paisagem que se afirma como uma realidade paralela.



Silencioso, o pintor observa o mundo com carinho, devolvendo-lhe a expressão intimista do seu sentir. Já não se sente em fusão total, adesão plena à cor e ao gesto como no Brasil mas, mais distanciadamente, reproduz a doçura que aquela atmosfera lhe comunica.

Goa foi, para Resende, o último grande encontro até ao presente. Visitou aquele longínquo território, outrora colónia portuguesa, em 1996, e essa nova experiência voltou a permitir-lhe descobertas. Para o dizer de uma vez, no caso, principalmente a de uma certa fluidez dos espaços essa foi a sua *Noa-Noa*. Nunca antes a sua pintura fora tão abertamente figurativa nem tão intuitivamente luminosa. Não se tratava já de figurar as gentes, as paisagens, um ou outro animal. Mais literalmente, Resende procurou nesta série figurar a realidade de um modo quase naturalista. Talvez porque neste novo cenário foi encontrar uma realidade que, aos seus olhos, já era transfigurada.



Agora, o que avulta, é a magia da cor e da luz, tomadas em si mesmas como uma descoberta. Se o Brasil autorizara os verdes, os rosas, os azuis, os roxos, estranhos no seu brilho primordial, agora são os vermelhos, os ocre, os carmins, os amarelos vivos de ouro que ganham todo o palco. Como se Resende tivesse descoberto um novo mundo e já só se atrevesse a descrever a sua maravilha. Dir-se-iam atmosferas perfumadas de canela e de especiarias várias, estas pinturas que, cada vez mais, se aproximam da vertebração do desenho. De tal modo que chega a parecer que só o desenho convém às formas que Resende quer comunicar e que a pintura, na sua densidade, não pode servir senão como de fundo às sucessivas figuras em recorte.

Essa fluidificação do espaço permite, por outro lado, que as figuras – na sua maioria vultos de mulheres – nele se inscrevam como incrustações, algo arabescas, de um movimento sem fim. É um sentido de tactilidade e de odores que o pintor quer comunicar: uma vontade de transcender, através da visualidade, a mera ordem do visual. O que implica um sentido muito mais



abstracto do propósito que o guia. É como se Resende tivesse completado, enfim, um ciclo de compreensão do mundo e de si mesmo.

Resende aprendeu enquanto olhava o mundo à sua volta. Não como se aprende num livro – porque o mundo não é um livro – mas como se aprende algo na profundidade de uma relação. A relação mais vasta de todas, que é a da dedicação ao mundo.

Bernardo Pinto de Almeida, Lisboa, Agosto de 2011

¹ In *Júlio Resende, A arte como vida*; org. Arsénio Mota e Joaquim Matos Chaves; ed. Civilização; Porto.

² Cf. *Cem Pintores do Século XX*; ed. Alfa; Lisboa.

³ In *Um olhar sobre Cabo-Verde*; ed. Cooperativa Árvore; Porto, 1994.

14

Resende tinha 19 anos quando pintou este quadro. Talvez então já frequentando a Academia Silva Porto, onde entrou pela mão da escritora Aurora Jardim, que viu nele o talentoso pintor que ele queria já ser. Surpreende-nos, nele, a clareza do desenho. Quase escultórico, já em 1936, como voltará a sê-lo muito mais tarde, nas figuras heroicizadas do povo, este sentido do desenho exprime-se no modo como vinca os contornos com a mão firme que dá ao pregueado da figura do santo uma volumetria quase sensível. Não é uma figura humana, mas um santo de altar, em madeira ou em barro, e isso traduz uma distância para com a iconografia religiosa. A figura serviu-lhe de modelo, não comprova qualquer adesão mística ou sentimental. É pois a imagem de uma imagem. Mas a certeza do desenho, a segurança das figuras, a desenvoltura quase naturalista do pincel, a própria escala do quadro, invulgar para a época e sobretudo para a sua idade, demonstram bem que ali já se fazia firme a mão de um sólido pintor que, menos de uma década depois, finalizaria a sua licenciatura em Belas Artes na Escola do Porto onde viria a ser mestre.

Bernardo Pinto de Almeida

01. "RESENDE NASCEU PINTOR", 1936
Óleo s/ tela; 64,0 cm x 34,5 cm; assinado e datado 7/936 c.i.d.

UNTITLED, 1936
Oil on canvas; 64,0 cm x 34,5 cm; signed and dated 7/936



_16 ... nas suas primeiras obras, algumas delas realizadas ainda antes da partida para Paris, onde foi reforçar mais a informação do que a formação – nomeadamente em algumas das delicadas vistas das margens do rio Douro que realizou – se sentem já os sinais claros da mesma sensibilidade que iremos reencontrar até ao fim na sua longa obra.

Bernardo Pinto de Almeida

02. SEM TÍTULO, anos 40

Óleo s/ madeira; 37,0 cm x 52,0 cm; assinado c.i.d.; não datado
Verso: pintura a óleo

UNTITLED, 40's
Oil on wood; 37,0 cm x 52,0 cm; signed; undated
Back: oil painting



18 *Uma praia, em hora indefinida, e no centro, duas personagens duplicadas, pelo reflexo na água. Todo o quadro é água e bruma, mostrando a delicada cor da areia, o especialíssimo cinzento, charme inconfundível, do Porto, das suas praias.*

Sílvia Chicó

03. SEM TÍTULO, 1945

Aquarela s/ papel; 23,0 cm x 30,5 cm; assinado e datado 1945 c.i.d.

UNTITLED, 1945

Watercolor on paper; 23,0 cm x 30,5 cm; signed and dated 45



20 ... foi no Prado que me quedei 15 dias diante de Velázquez e Goya. Foi tal o gozo estético e a emoção que regresssei convencido que, na vida, havia visto tudo. Poderia morrer ...

Júlio Resende

04. PASEO DEL PRADO, 1945

Tinta-da-china s/ cartolina; 25,0 cm x 20,0 cm; assinado e datado 45 c.i.e.

PASEO DEL PRADO, 1945

Chinese ink on cardboard; 25,0 cm x 20,0 cm; signed and dated 45



Resposta
25

22 Um clima de isolamento se impunha e esse foi encontrado em Viana do Alentejo. Dois anos de árduo trabalho na conquista de um modo próprio de comunicar.

Júlio Resende

05. PRATO, 1949/51

Cerâmica pintada e vidrada; diâm.: 23,5 cm; assinado; não datado
Verso: *Do Dyas, Com os melhores cumprimentos*

DISH, 1949/51

Ceramics, painted and glazed; diam.: 23,5 cm; signed; undated
Back: *Do Dyas, Com os melhores cumprimentos*



Verso



24 Os quadros dessa época reenquadram a paisagem alentejana numa observação atenta da sua realidade, a partir da relação essencial entre gente e paisagem, e a estrutura interna dos quadros, cada vez mais sustentada por um domínio excepcional do desenho ...

Bernardo Pinto de Almeida

06. SEM TÍTULO, 1949

Aquarela s/ papel; 23,0 cm x 17,0 cm; assinado e datado 49 c.i.e.

UNTITLED, 1949

Watercolor on paper; 23,0 cm x 17,0 cm; signed and dated 49



26 ... fez com que estes dois elementos se viessem fundir em geometrias inesperadas, em que as verticais dos homens polarizam as horizontais da terra.

Bernardo Pinto de Almeida

07. SEM TÍTULO, 1952

Pastel s/ papel; 20,5 cm x 16,0 cm; assinado e datado 52 c.i.e.

UNTITLED, 1952

Pastel on paper; 20,5 cm x 16,0 cm; signed and dated 52



28 *Aos dois anos de disciplina alentejana passaria à exaltação do gesto impiedoso.*

Júlio Resende

08. SEM TÍTULO, c. 1960

Tinta-da-china s/ papel; 39,5 cm x 33,0 cm; assinado c.s.e.; não datado

UNTITLED, c. 1960

Chinese ink on paper; 39,5 cm x 33,0 cm; signed; undated



30 *A matéria, carregada e densa, quase objectual, deixa evidenciar o temperamento expressionista. As figuras agora contorcem-se em razão da luta contra a matéria que habitam, e que veio substituir a paisagem ...*

Bernardo Pinto de Almeida

09. SEM TÍTULO, 1963

Óleo s/ platex; 53,0 cm x 56,0 cm; assinado e datado 63 c.s.e.

UNTITLED, 1963

Oil on hardboard; 53,0 cm x 56,0 cm; signed and dated 63



— 32 *O material irrompe com tal brutalidade que ameaça o equilíbrio da composição e tergiversa para a orla de uma quase abstracção.*

Bernardo Pinto de Almeida

10. SEM TÍTULO, C. 1971

Óleo s/ platex; 25,5 cm x 17,8 cm; assinado c.i.d.; não datado

UNTITLED, C. 1971

Oil on hardboard; 25,5 cm x 17,8 cm; signed; undated



– 34 ... densidade sintética de “Ribeira Negra” – momento de reflexão admirável que o pintor lança sobre a sua obra passada, mas munido já dos instrumentos entretanto adquiridos ...

Bernardo Pinto de Almeida

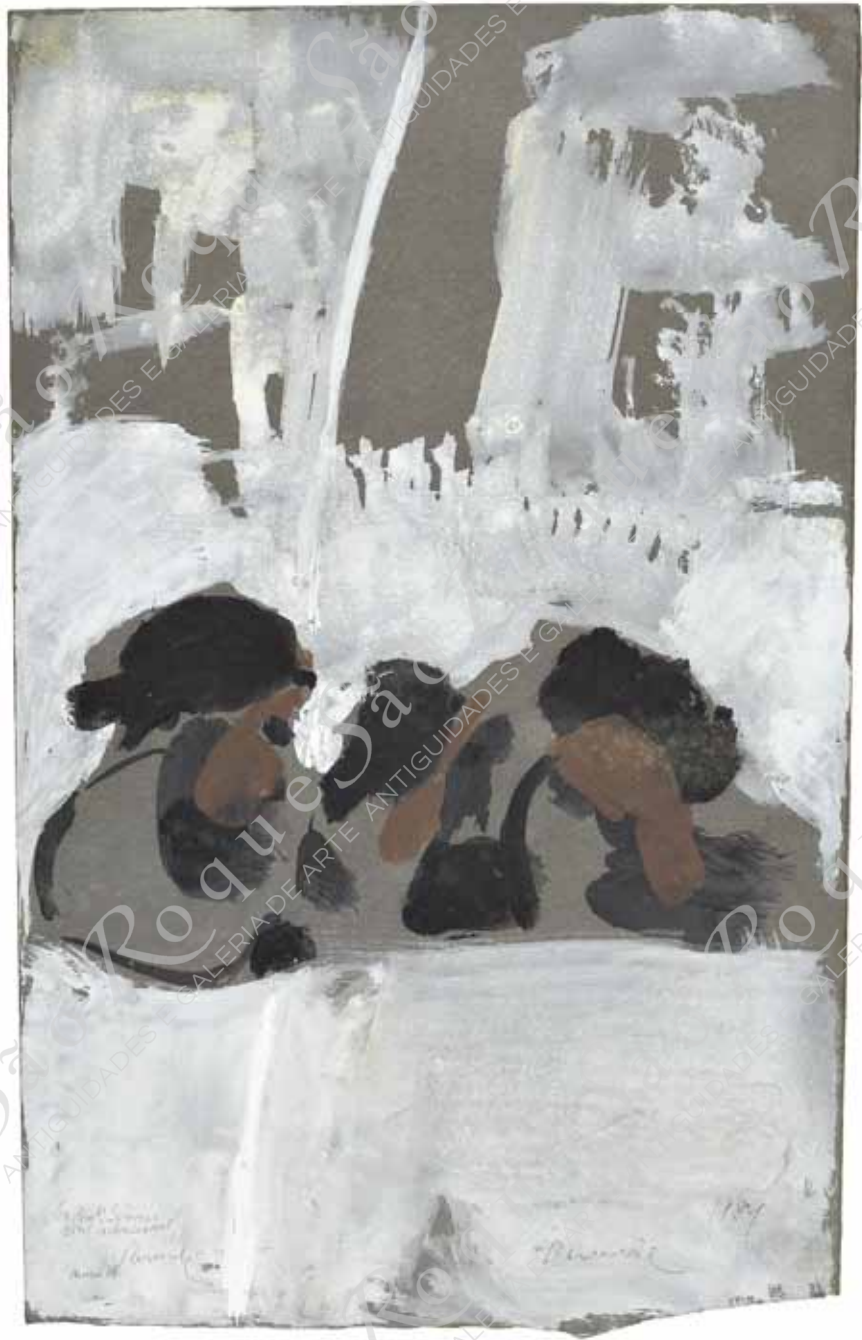
11. RIBEIRA, 1984

Gouache s/ cartolina; 53,0 cm x 33,0 cm; assinado e datado 1984 c.i.d.
Dedicatória: *Ao Arquitecto Sommer com admiração do Resende. Novem. 88*

RIBEIRA, 1984
Gouache on cardboard; 53,0 cm x 33,0 cm; signed and dated 1984
Dedicated: *Ao Arquitecto Sommer com admiração do Resende. Novem. 88*

Reproduzido em / Illustrated in

“Júlio Resende – A Arte Como/Vida”, Livraria Editora Civilização, 1989.



36 ... tal como essas obras do grande pintor romântico francês (Delacroix), as de Resende respiram de uma vitalidade aprendida no gesto popular, no calor dos trópicos, na elegância marota e sinuosa dos merinós da rua.

Bernardo Pinto de Almeida

12. SEM TÍTULO, 1987

Aquarela s/ papel; 21,5 cm x 24,0 cm; assinado e datado 1987 c.i.e.

UNTITLED, 1987

Watercolor on paper; 21,5 cm x 24,0 cm; signed and dated 87

Figurou em / Exhibited at

"Júlio Resende – Aquarelas / Desenhos / Monotipias – 1943/1989", G. Nasoni, Porto 1989 (cat. nº 119).



— 38 ... gosto primaveril pelas cores da manhã, pelos pequenos movimentos do real, pelo estímulo dos cheiros e do tacto (...) Resende descobria uma outra dimensão da natureza humana.

Bernardo Pinto de Almeida

13. RAPAZ COM BERIMBAU, c. 1987

Pastel s/ papel; 24,5 cm x 18,5 cm; assinado c.i.d.; não datado

RAPAZ COM BERIMBAU, c. 1987

Pastel on paper; 24,5 cm x 18,5 cm; signed; undated



40 ... sinal de uma nostalgia de momentos que não se repetem. E haverá algo que se repita? Tudo na vida o é, mas em arte terá havido manifestação alguma que não seja irreversível?

Júlio Resende

14. GATOS DE KORNTAL IX, 1989

Óleo s/ tela; 130,0 cm x 100,0 cm; assinado e datado 89 c.i.e.

GATOS DE KORNTAL IX 1989

Óleo on canvas; 130,0 cm x 100,0 cm; signed and dated 89

Ex-Coleção Jaime Isidoro / Former Jaime Isidoro's Collection

Figurou em / Exhibited at

"Resende", G. Nasoni, Porto 1989 (cat. n.º 12);

"Resende", G. Landesgirokasse, Estugarda, Alemanha 1989 (cat. n.º 12);

"Portugal de Hoy", G. Villa Nueva 27, Madrid 1989;

"Resende", Exposição Retrospectiva, Câmara Municipal, Matosinhos 2001 (Cat.).



— 42 *Ao findar tão aturada trajectória o Douro espelha as margens de uma beleza arrebatadora que nos leva a sentir um acorde final de uma sinfonia de Mahler.*

Júlio Resende

15. **SEM TÍTULO, DOURO, 1991**
Pastel s/ papel; 22,5 cm x 31,5 cm; assinado e datado 91 c.i.d.

UNTITLED, DOURO 1991
Pastel on paper; 22,5 cm x 31,5 cm; signed and dated 91



– 44 *Se existe a nostalgia, nada tem de um sinal trágico. Meduração e dignidade de gestos exprimem suficientemente um sentido de alegria contida mas comunicativa.*

Júlio Resende

16. MENINA DE CABO VERDE, 1992

Pastel de óleo s/ papel; 34,0 cm x 23,0 cm; assinado e datado 92 c.i.e.

MENINA DE CABO VERDE, 1992

Oil pastel on paper; 34,0 cm x 23,0 cm; signed and dated 92

Figurou em / Exhibited at

"Júlio Resende 1995", G. Dário Ramos, Porto 1995 (cat. n.º 18).



— 46 *São poucos os voos dos pássaros, mas as crianças enchem nossos ouvidos!*

Júlio Resende

17. SEM TÍTULO, c. 1995

Lápis de cera s/ papel; 15,0 cm x 11,0 cm; assinado c.i.d.; não datado.

UNTITLED, c. 1995

Crayon on paper; 15,0 cm x 11,0 cm; signed; undated



48 *Silencioso, o pintor observa o mundo com carinho, devolvendo-lhe a expressão intimista do seu sentir.*

Bernardo Pinto de Almeida

18. SEM TÍTULO, c. 1996

Técnica mista s/ papel; 15,0 cm x 21,0 cm; assinado c.i.d.; não datado.

UNTITLED, 1996

Mixed media on paper; 15,0 cm x 21,0 cm; signed; undated



50 ... o clima tropical, de céus algo pardacentos, domina a atmosfera destas pinturas e sobre fundos grises, imprevistos, rebentam orgias de cor, contrastes fulgurantes de verde e de rôxo, ou de laranjas e azuis.

Bernardo Pinto de Almeida

19. OLHAR DE PÁSSARO, 1996

Óleo s/ tela; 55,0 cm x 42,0 cm; assinado c.i.e.; datado 1996 no verso

Verso: Gazing, Olhar de Pássaro J. Resende 1996

OLHAR DE PÁSSARO, 1996

Mixed media on paper; 55,0 cm x 42,0 cm; signed; undated

Back: Gazing, Olhar de Pássaro J. Resende 1996

Figurou em / Exhibited at

"Resende – Olhar Goa", Fundação Oriente, Goa 1996 (cat. n.º 4);

"Resende – Quatro Tempos", Fundação da Casa Mateus, Vila Real 1996 (cat. n.º 12).

Reproduzido em / Illustrated in

"Júlio Resende e a Pintura", Cordeiros, Porto 2007, pág. 189.



52 Goa foi, para Resende, o último grande encontro até ao presente.

Bernardo Pinto de Almeida

20. DUAS NATUREZAS, 1996

Óleo s/ tela; 100,0 cm x 100,0 cm; assinado c.i.d.; datado 1996 no verso

DUAS NATUREZAS, 1996

Oil on canvas; 100,0 cm x 100,0 cm; signed and dated 1996

Figurou em / Exhibited at

“Goa, L’Odeur Couleur”, Hôtel-de-Ville de Saint Gilles, Bruxelas 1999 (cat.);

“Resende Cor de Goa”, Câmara Municipal, Aveiro 2000 (cat. n.º 4);

“Resende”, Exposição Retrospectiva, Câmara Municipal, Matosinhos 2001 (cat.);

“Júlio Resende”, Expo. Comemorativa dos 90 Anos do Pintor, Ed. da Alfândega, Porto 2007.

Reproduzido em / Illustrated in

“Resende Cor de Goa”, Editora Arte do Século 2000, pág. 28;

“Júlio Resende e a Pintura”, Cordeiros 2007, pág. 323.



54 ... essa foi a sua Noa-Noa.

Bernardo Pinto de Almeida

21. UM OLHAR DE GOA, 1996

Óleo s/ tela; 100,0 cm x 100,0 cm; assinado c.i.d.; datado 1996 no verso

UM OLHAR DE GOA, 1996

Oil on canvas; 100,0 cm x 100,0 cm; signed and dated 1996

Figurou em / Exhibited at

“Júlio Resende, Pinturas”, Cordeiros, Porto 1998;

“Goa, L’Odeur Couleur”, Hôtel-de-Ville de Saint Gilles, Bruxelas 1999 (cat.);

“Resende Cor de Goa”, Câmara Municipal, Aveiro 2000 (cat. n.º 4);

“Júlio Resende”, Expo. Comemorativa dos 90 Anos do Pintor, Ed. da Alfândega, Porto 2007.

Reproduzido em / Illustrated in

“Resende Cor de Goa”, Editora Arte do Século 2000, pág. 28;

“Júlio Resende e a Pintura”, Cordeiros 2007, pág. 323;

“Arte Moderna e Contemporânea”, Cordeiros 2007, pág. 333.



56 ... agora, o que avulta, é a magia da cor e da luz, tomadas em si mesmas como uma descoberta. (...) os vermelhos, os ocre, os carmins, os amarelos vivos de ouro que ganham todo o palco.

Bernardo Pinto de Almeida

22. A MAGIA DOS TECIDOS, 1996

Óleo s/ tela; 100,0 cm x 100,0 cm; assinado c.i.d.; datado Goa 1996 no verso

A MAGIA DOS TECIDOS, 1996

Oil on canvas; 100,0 cm x 100,0 cm; signed and dated Goa 1996

Figurou em / Exhibited at

"Júlio Resende. Pinturas.", Cordeiros, Porto, 1998;

"Goa, L'Odeur Couleur.", Hôtel-de-Ville de Saint Gilles, Bruxelas 1999 (cat.);

"Resende 1947-2000", Comemorações dos Descobrimentos, M. de Arte Moderna, Recife 2000 (cat. nº 36);

"Resende", Exposição Retrospectiva, Câmara Municipal, Matosinhos 2001 (cat.);

"Júlio Resende", Expo. Comemorativa dos 90 Anos do Pintor, Ed. da Alfândega, Porto 2007.

Reproduzido em / Illustrated in

"Resende Cor de Goa", Editora Arte do Século 2000, pág. 28;

"Júlio Resende e a Pintura", Cordeiros 2007, pág. 323;

"Arte Moderna e Contemporânea", Cordeiros 2007, pág. 333.



58 *A ideia que se tem é que os meninos já não cabem na Ilha de Moçambique.*

Júlio Resende

23. SEM TÍTULO, c. 1999/2000
Óleo s/ tela; 100,0 cm x 100,0 cm; assinado c.i.e.; não datado

UNTITLED, c. 1999/2000
Oil on canvas; 100,0 cm x 100,0 cm; signed; undated



_6o *Em Goa muito ficou por contar e exprimir pictoricamente, talvez por uma questão de pudor em face do Belo ...*

Júlio Resende

24. AMANHÃ VOLTARÁ O SOL, 2000/6

Óleo s/ tela; 100,0 cm x 100,0 cm; assinado c.i.d.; datado 2000/6 no verso

AMANHÃ VOLTARÁ O SOL, 2000/6

Oil on canvas; 100,0 cm x 100,0 cm; signed and dated 2000/6

Figurou em / Exhibited at

"Júlio Resende", Expo. Comemorativa dos 90 Anos do Pintor, Ed. da Alfândega, Porto 2007.

Reproduzido em / Illustrated in

"Júlio Resende e a Pintura", Cordeiros 2007, pág. 552.



_ 62 *É como se Resende tivesse completado, enfim, um ciclo de compreensão do mundo e de si mesmo.*

Bernardo Pinto de Almeida

25. LIGADA À TERRA, 2007

Óleo s/ tela; 100,0 cm x 100,0 cm; assinado c.i.e.; datado 2007 no verso

LIGADA À TERRA, 2007

Oil on canvas; 100,0 cm x 100,0 cm; signed and dated 2007

Figurou em / Exhibited at

"Júlio Resende", Expo. Comemorativa dos 90 Anos do Pintor, Ed. da Alfândega, Porto 2007.

Reproduzido em / Illustrated in

"Júlio Resende e a Pintura", Cordeiros 2007, pág. 561.



64 *Resende aprendeu enquanto olhava o mundo à sua volta. Não como se aprende num livro – porque o mundo não é um livro – mas como se aprende algo na profundidade de uma relação. A relação mais vasta de todas, que é a da dedicação ao mundo.*

Bernardo Pinto de Almeida

26. MAJESTADE GOESA, 2005/2008

Óleo s/ tela; 100,0 cm x 100,0 cm; assinado c.i.d.; datado 2005/2008 no verso

MAJESTADE GOESA, 2005/2008

Oil on canvas; 100,0 cm x 100,0 cm; signed and dated 2005/2008



ELOGIO DA TRANSPARÊNCIA

A pintura de Júlio Resende assume-se numa totalidade transparente, é profundamente moderna, porque nasce desoculta. Pintura em que podemos observar uma rara capacidade: a de em um só gesto resumir todo um programa de representação, em que a atmosfera, por exemplo, pode operar como personagem principal.

Tomo como exemplo uma aguarela presente na exposição, a que foi atribuído o nº2, e é datada de 1945. Nessa obra, a sensação de fluidez domina. Não conseguimos situar a cena no tempo do dia: talvez seja uma manhã fria, mas a hora permanece difícil de adivinhar. Dois barcos negros e várias personagens de costas para nós, de frente para o mar. Pescadores? Contrabandistas? Conspiradores? Observemos a capacidade de síntese de Júlio Resende, que através da transparência, cria uma atmosfera sombria, crepuscular. As duas personagens no centro da cena reflectem-se na areia molhada. Todo o quadro é água e bruma, mostrando a delicada cor da areia, o especialíssimo cinzento, charme inconfundível, do Porto, das suas praias. Esse deslumbrante cinzento sempre existiu e persistiu na pintura de Júlio Resende, tornou-se elemento da sua linguagem plástica. Esta aguarela, por muito singela que possa ser considerada, exprime, creio, o carácter plástico, a diferença e a *marca d'água* deste pintor: revela a sua capacidade de em um gesto só, ágil e imediato, reflectir uma realidade. Uma praia, em hora indefinida, e no centro, duas personagens duplicadas, pelo reflexo na água. Cena que, subtilmente, pela atmosfera sombria, nos remete para a angústia dos tempos do final da guerra. Poderia ilustrar o poema de Eugénio de Andrade: *Os navios existem e existe o teu rosto encostado ao rosto dos navios...*

Mas falemos de transparência: a palavra transparência tem como sinónimos limpidez, pureza, clareza e, mais recentemente, reforça-se a conotação de integridade ou honestidade. A noção de *glasnost* que passou do discurso político para linguagem comum, ultrapassando a esfera da terminologia política.

A transparência a que aludimos é a da pintura de Júlio Resende, no que ela possui de único, pessoal e singular. E essa singularidade prende-se também com o seu modo de formar, com a inegável sensação de prazer e ludismo que existe em toda a obra do artista. Resende é *filho*, um dos milhares de *filhos* de Picasso, esse génio que libertou a arte de todos os constrangimentos do academismo e fez funcionar em pleno o princípio de prazer. Pode dizer-se lírica, expressionista, está tudo certo, mas a verdade é que Mestre Resende transmite na sua obra um extremo prazer, e por isso ela se exprime tão bem. Tal como um bom intérprete musical: se na performance se transmite prazer, essa energia positiva transmite-se ao público.

A obra de mestre Resende é vasta e reflecte o profissionalismo de um artista que nunca deixou de pintar. Mas talvez não só por imperativo moral. Quando a arte é genuína, corresponde a uma necessidade premente, comparável a uma adição, e as diversas fases da obra do artista vão-se sucedendo com facilidade, porque o que faz mover o artista é o princípio de prazer e não uma obrigação de academia ou de interesse de comércio. Assim, o olhar do Mestre permaneceu sempre disponível e atento. Para captar a cor e a sensorialidade de ambientes com os da Índia e do Brasil? Quem melhor do que um pintor pode gozar a profusão cromática de mundos onde a cor é o inverso do *luto* que tanto tempo caracterizou a *gravitas* do ambiente institucional e a tristeza do povo português?

O profundo amor pela pintura reflectiu-se na docência que teve na escola do Porto. Testemunho da ex aluna, Graça Morais, fala-nos de um Mestre sempre atento, encorajador e sensível, deixando



cada um seguir o seu caminho, não querendo influenciar estilisticamente os seus discípulos. Falando baixo, sempre fumando o seu cachimbo, deixou grande saudade nos que tiveram o privilégio de por ele serem ensinados.

Deixando de lado o historial da obra do pintor, alias tão bem documentado e estudado, que pode ler-se neste catálogo, interessa-me olhar a pintura de Mestre Resende pelo lado do prazer primordial e fundador que existe na actividade de pintor. No uso dos elementos físicos de que a pintura se constitui, no prazer sensorial da experimentação desses recursos. É algo que só os pintores conhecem, algo que ficou para sempre inscrito na obra deste autor, seja em pequena escala ou em grandes obras de arte pública. Mesmo quando as temáticas do Neo-Realismo são presentes, a fruição sensorial dos materiais exprime alegria da experimentação, o prazer da pintura pura, sem serviço de representação ou ilustração.

Notemos que a facilidade e limpidez que existe na obra de Júlio Resende poder-se-ia confundir com virtuosismo, com excessiva habilidade manual, o que geralmente impede uma formulação mais aprofundada e leva à repetição exaustiva. No caso deste Pintor, a leveza e precisão do gesto pictórico verificadas em tantas das suas fases, são o disso o contrário, e verificamos que já em 1945, a sua mestria era total.

Revisitando esta aguarela, a nº2 da exposição, torna-se evidente a relação entre a aguarela e a caligrafia: revela o que num só impulso se exprime. Para que tal aconteça, é necessária uma sábia moderação da energia do pintor, que se ultrapassa, se surpreende, ao fazer num ápice surgir a imagem. Nada mais oposto, portanto, ao academismo pictórico, composto de múltiplas camadas, em que as mais superficiais corrigem as primeiras.

Uma aguarela com mais de sessenta anos revelando notável poder de síntese. Onde reside a transparência, impercível característica de alguém cuja sensibilidade pictórica é rara. Alguém também, que trouxe para a pintura a bruma, o vapor, o nevoeiro e a fabulosa luz da sua cidade, na totalidade transparente da sua obra.

Sílvia T. Chicó, Colares, Agosto de 2011

TRAÇOS DE MESTRE



PRESÉPIO
Azulejo 30x45cm.

Ninguém poderá afirmar que, por mera distração, está vivendo sem disso se dar conta.

Os efeitos dos estados de espírito levam o homem das experiências do conforto até àquelas de efeito contrário. Poder-se-ia dizer que o nosso habitat rege harmonicamente os momentos da vida do nível opcional que as condições se lhe oferecem.

Reconhecemos que a trepidante vida da sociedade nos leva a considerar os benefícios da mais valia do bem-estar, não só físico, mas aqueles propiciatórios ao estado de espírito.

Os espaços da nossa vida são actuates para a tão desejada unidade humana.

Em colaboração com a Revigrés, apresento oito colecções, em que o desenho-chave irá permitir inúmeras combinações visuais, de múltiplas densidades, a partir de subtis presenças.

Júlio Resende
Outubro 2008

o azulejo é o brilho no olhar
Resende





FAIT-DIVERS 1
Azulejo 20x20 cm.



FAIT-DIVERS 2
Azulejo 20x20 cm.



FAIT-DIVERS 3
Azulejo 20x20 cm.



FAIT-DIVERS 4
Azulejo 20x20 cm.



FAIT-DIVERS 5
Azulejo 20x20 cm.



FAIT-DIVERS 6
Azulejo 20x20 cm.



Lugar do Desenho – Fundação Júlio Resende
Exposição das oito colecções que integram as Colecções de Autor Traços de Mestre,
com a assinatura de Júlio Resende - Dezembro 2008



PEÇA ASSINADA - JÚLIO RESENDE
Azulejo 20x20 cm.

revigres®
DESIGN EM CERÂMICA



São Roque Arte Antiquidades e Galeria de Arte



SÃO ROQUE, ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE RUA DE S. BENTO, 199B, 1250-219 LISBOA T+F 213 960 734 T 962 363 260 **E** ANTIGUIDADESSROQUE@SAPO.PT
SSS **E** MARIOROQUE@NETCABO.PT **S** WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM **S** COMPILAÇÃO E ORGANIZAÇÃO MARIA HELENA ROQUE, MÁRIO ROQUE, ANTÓNIO
AFONSO LIMA, ANA ANAHORY, ISABEL CUNHA REIS **S** EDIÇÃO SÃO ROQUE **S** FOTOGRAFIA JOÃO KRULL **S** DESIGN JOSÉ MENDES **E** JMENDESIGN@MAC.COM **S**
TIPOGRAFIA CHAPARRAL PRO DE CAROL TWOMBY **S** PRÉ PRESS CRITÉRIO, PRODUÇÃO GRÁFICA **S** IMPRESSÃO E ACABAMENTO NORPRINT SA **S** DEPÓSITO LEGAL
333272/1 **S** TIRAGEM 1000 EXEMPLARES **S** SETEMBRO DE 2011 INTERDITA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL **S** ©SÃO ROQUE 2011 ¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶¶

DUAS NATUREZAS § PORMENOR

São Roque
ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE



São Roque

ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

RUA DE S. BENTO, 199B, 1250-219 LISBOA \$ T+F 213 960 734 \$ T 962 363 260
E ANTIGUIDADESSROQUE@SAPO.PT \$ WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM

